

Gênero, sexualidade e feminismo crítico: com João Manuel de Oliveira

por Maria dos Remédios de Brito

Conheci João Manuel de Oliveira em Vitória, em 2016, em um congresso sobre *Diversidade, gênero e sexualidade*, organizado pelo professor Alexandro Rodrigues, da Universidade Federal do Espírito Santo. Alex nos apresentou, dizendo: “segura esse bonito para fazer uma fala em Belém, na Universidade Federal Pará” (UFPA). Imediatamente, solicitei a João o seu contato. Ele, gentilmente, retirou uma caneta



de sua bolsa e anotou o seu e-mail e o seu celular. Foi com esse contato que trocamos mensagens, pelo qual agenciei uma conferência para ser proferida no Instituto de Educação Matemática e Científica, na UFPA. Ele aceitou imediatamente e logo enviou o tema da sua fala: “Trânsitos de Gênero e Teoria Queer: vespas, orquídeas e rizomas”. No dia da sua conferência em Belém, ele chegou à Universidade com alegria, ficou a esperar na entrada do auditório entre pessoas, aguardando a hora de começar sua

exposição. Observou, conversou com quem passava ao seu lado, amável, receptivo, caloroso, interessado no diálogo, na escuta do outro, na presença da diferença.

Veio, generosamente, ao Instituto de Educação Matemática e Científica, partilhar, abrir espaço para o encontro com as multiplicidades, com as vozes que vinham de todos os lugares, de todas as ‘tribos’ e de todos os mundos. Foi maravilhoso! Ele retornou a Belém no início de 2018, e voltou a presentear a UFPA e seus ouvintes com um curso e uma escuta sobre as pesquisas em “Gênero, sexualidade, feminismo crítico e interseccionalidade”. Desejando ampliar saberes e culturas no Brasil, viajou por alguns lugares do Estado do Pará. Filho de Oxum, é doido pela água doce do Pará. Então, João gosta de ficar “grávido do outrem”, pois carrega em seu corpo, em sua fala, uma potência impressionante sobre o desejo de liberdade. Confia que somente pelo diálogo livre, aberto, pela alteridade, pela ação política, seja possível um mundo que acolha o humano em suas diferenças, sim, pois o humano não é um universal absoluto.

Ele entende que a maneira de pensar e fazer outros modos de vida e de existência se compõe pelo gesto de liberdade da palavra e da ação política. Essa foi a impressão amorosa e respeitosa que tive desse pesquisador e professor que trabalha a teoria feminista Queer pós-estruturalista, epistemologias críticas e análise dos discursos sociais, discriminação, cidadania sexual, normas de gênero, heteronormatividade e homonormatividade, áreas em que publicou extensivamente.

João é doutor em Psicologia Social pelo ISCTE-IUL, com formação pós-doutoral na Universidade do Minho, Universidade do Porto e ISCTE-IU. É pesquisador no Centro de Investigação e de Intervenção Social do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, no

campo dos estudos de gênero e das sexualidades. É coordenador da linha de investigação “Gênero, Sexualidades e Interseccionalidade”. Foi professor visitante no Birkbeck College da Universidade de Londres e na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atualmente, ele é professor visitante associado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e pesquisador integrante do Núcleo Margens – Modos de Vida, Família e Relações de Gênero na mesma universidade.

Tem participado de projetos de investigação financiados pela FCT, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Gênero e pela Comissão Europeia sobre Cidadania Sexual das Lésbicas em Portugal, e da Comissão sobre Discriminação em função da orientação sexual e identidade de gênero, mulheres na Ciência, entre outros. Além disso, é consultor artístico e dramaturgico em vários espetáculos e projetos de pesquisa nas artes performativas e na dança contemporânea, com coreógrafos/as renomados como Francisco Camacho e Carlota Lagido. Professor João Manuel de Oliveira escreve regularmente sobre criação artística contemporânea. É membro do comitê editorial das revistas *Feminism & Psychology*, *Ex Aequo* e *LES-Online* e co-editor da *Revista de Ciências Humanas da UFSC*.

O professor João Manuel se assume como investigador feminista, pois entende que as questões do feminismo estão efetivamente ligadas aos processos humanos em sua amplitude, não tendo como se restringir ao dualismo feminino/masculino. Essa perspectiva advém de seus vários estudos teóricos, assim como do seu envolvimento político de esquerda. Em conversas, afirma que estuda de forma mais interdisciplinar a problemática de gênero e sexualidade, ainda insuficientemente debatida nas universidades. Para o professor, a Universidade institucional se mantém arraigada

ainda em posturas conservadoras, reacionárias e insensíveis às diferenças, às pluralidades, aos diálogos com os devires contemporâneos de todas as ordens, mas ao mesmo tempo é na Universidade pública que podemos encontrar ninhos de democracia onde estas discussões podem existir e se expandir. A Universidade é uma contradição e João habita nessas contradições.

Maria dos Remédios: Para iniciar a nossa conversa, gostaria que você falasse um pouco de sua trajetória como pesquisador e de como você chegou aos estudos do gênero e do feminismo?

João Manuel: Não sei se tenho uma trajetória assim que possa ser descrita. Há na realidade várias narrativas que se podem usar para chegar. Uma que me lembro foi o debate sobre o aborto em Portugal em 1998 com o plebiscito em que por uma escassa margem, a direita e o catolicismo desavergonhados conseguiram ganhar, tendo por efeito que várias mulheres fossem julgadas pela prática de aborto. Se não era feminista, passei a ser, aquilo gelou-me. Outra narrativa é a minha admiração por feministas como a minha professora Lígia Amâncio que acabou por ser minha orientadora de TCC, mestrado e doutorado. Aprendi a difícil arte de ser pesquisador com ela e me especializei em teoria feminista graças à sua sofisticação intelectual, sentido político e coragem acadêmica. Foi com ela que comecei a ler autoras cada vez mais desafiantes e tivemos debates bem importantes onde sempre senti a minha posição muito respeitada. A contrário da academia reacionária que via à minha volta, sempre tive liberdade de pensar e de escrever e o tal quarto que seja seu de que fala a Virginia Woolf. Coisa que não vi em muita gente na academia em Portugal, enquanto me doutorei. Devo mais do que consigo enumerar a ela.

Outra narrativa ainda é a conceitual. Comecei por me interessar pelos feminismos socialistas via leitura da sociologia marxista e de autoras que me levaram a repensar, por meio dos seus escritos, o lugar do gênero na teoria e práxis marxista. O meu marxismo e o meu pensamento de esquerda entrelaçam-se com o feminismo a tal modo que não os consigo diferenciar completamente. Devo esse entendimento do engajamento político à minha colega Conceição Nogueira que, como eu, não entendia esse jogo da neutralidade da Ciência. Verdadeiro artifício para nos despolitizar. No meu caso, apenas agravou o meu repúdio a esses modelos. São várias as narrativas, gosto dessa multiplicidade, como os muitos urubus que sobrevoam os céus do Ver-o-Peso.

Maria dos Remédios: Fale um pouco da sua chegada no Brasil e o que lhe levou a pesquisar sobre as questões variadas da sexualidade na Universidade Federal da Bahia?

João Manuel: Não me escrevo, nem me penso sem o Brasil. Não cheguei a ele, ele chegou a mim e engoliu-me, tipo bispo Sardinha. A minha relação com o Brasil oscila entre o profundo encantamento e um terror pela história deste país e sua atual situação. Quero, no entanto, referir que aqui encontrei várias casas, a começar pela Universidade onde sou professor visitante, que graças aos encontros com colegas como as professoras Juracy Toneli e Kátia Maheirie, encontrei um espaço para pensar, partilhar, para discutir, dar aulas e trocar. Encontros também com xs estudantes que tenho a sorte de ter. A Bahia é outra casa, muito importante, porque abriu os horizontes da minha pesquisa a integrar - ainda timidamente porque ainda as estou a deglutir - algumas das reflexões kuir decoloniais, a pensar um Queer - kuir que é hibridizado,

mastigado, engolido/vomitado e retrabalhado. Saravá Oswald de Andrade! O impacto desse kuir ao sul dos trópicos nas artes tive oportunidade de pensar em conjunto com xs autorxs que publicaram os seus artigos no número especial da revista *Periodicus* da UFBA sobre genealogias excêntricas: práticas artísticas queerfeministatrans e conhecimentos dessubjugado, em co-oirganização com Tiago Sant’Ana. Cheguei à Bahia por convite do professor Leandro Colling que coordena o núcleo CUS cultura e sexualidade e que teve a gentileza de me acolher naquele e vários outros momentos e me deu todo um outro espaço de pensar a sexualidade, o gênero, o feminismo, o kuir. A Bahia me deu um trânsito afro-brasileiro que era completamente imaginado e virou outra coisa, devir Bahia. Graças a Leandro, que descreve também essa história no prefácio que fez para o meu livro *Desobediências de Gênero*. Sabe aquelas pessoas que trazem livros e filmes e histórias que mudam a sua vida? São todas estas pessoas que refiro.

Maria dos Remédios: O Brasil é um dos países que mais apresenta violência, discriminação e preconceito com qualquer manifestação e postura sexual que estejam fora do padrão heteronormativo. Como você lê esse cenário odioso que salta aos olhos?

João Manuel: As normas de gênero são já de si perpetrções de violação simbólica, física, psicológica, genocida – transfeminicida como fala a professora Berenice Bento. Não sei bem se é uma questão de um ranking de países, tenho muitos problemas com isso, mas sei que a situação no Brasil está muito complexificada por forte desigualdade social, com uma elite muito conservadora, uma mídia igualmente muito conservadora, um espaço público muito marcado pelo fundamentalismo religioso e um uso de práticas

necropolíticas de extermínio de determinadas populações e penso nos povos originários, no povo que habita nas periferias, na favela, pessoas LGBT e travesti, mulheres. Não podemos esquecer que as mulheres – cis e trans- continuam a ser carne para canhão aqui e noutros países. Então acho bem mais complexo e a requerer políticas públicas que integrem estas várias dimensões. Tudo se intersecta aqui.

Maria dos Remédios: Você se afirma como feminista por entender que o feminismo não é só uma questão política, mas efetivamente a composição de outro entendimento do que seja o humano. Você poderia discorrer sobre essa questão?

João Manuel: O feminismo é uma ética, uma filosofia e uma práxis. Como diz Gayatri Chakravorty Spivak, uma forte influência no meu modo de pensar, considero que o feminismo não começa num livro, nunca foi unificado nem pretendeu unificar-se. Pensemos no que é a ideia de mulher. Se falarmos com uma feminista essencialista e com uma feminista socialista ou influenciada pelo pós-estruturalismo, elas terão ideias muito diferentes do que mulher significa. Uma outra maneira de olhar para isto é pensar o feminismo como um dos movimentos que alargou o horizonte do que conta como humano. Ou seja, de como a inclusão das mulheres nesse campo de tensão e de indefinição que é o humano, o sujeito de direitos, implicou tais reformulações que muitos grupos que eram tratados como estando fora do humano começaram essa demanda. Falo de movimento negro, movimento dos povos originários, movimento LGBT, ativismo Queer, entre tantos outrxs.

O caso da despatologização das pessoas trans* é um bom exemplo disso, desse pensar o humano a partir dessa posição de alguém que para as normas passa a ser um alvo a abater. Admiro muito pessoas como Megg Rayara Gomes de Oliveira, Luma Andrade, Adriana Sales, Viviane Vergueiro, Raissa Grimm, entre várias outras pesquisadoras, a construírem saberes trans* e travestis dentro da academia. Acho o transfeminismo fundamental para pensarmos nos dias de hoje e tenho horror a feminismos transfóbicos, cumplicidades deste transfemicídio que temos o horror de presenciar. Acho profundamente antifeminista a transfobia e não trato pessoas transfóbicas como feministas, trato como transfóbicas, que é o que elas são.

Maria dos Remédios: Em suas pesquisas sobre gênero, sexualidade, intersexualidade, feminismo crítico, teoria *Queer*; Butler opera como uma maquinaria crítica para a sua construção analítica textual, mas além dela, atualmente, com quem você vem dialogando sobre essas problemáticas?

João Manuel: Eu dialogo com amplos setores dentro do feminismo, desde logo o feminismo negro, os feminismos interseccionais, latino-americanos. Ensinaram-me quase tudo o que sei sobre o modo como somos múltiplxs. Desde os tempos de Sojourner Truth, pratica-se no feminismo negro uma política de repensar essa ideia de mulher de forma crítica. Não o insulto a que nos costumávamos a ouvir falar de quando se fala de crítica. As perspectivas decoloniais dentro do feminismo que nos mostram o efeito combinado da colonialidade com sistemas de gênero históricos combinados da colônia e do império e da colonialidade depois, e de países como Portugal, entre império e colônia (britânica),

um império periférico. Fascina-me igualmente economia política feminista, feminismos anti-ocupação e colonização da Palestina por parte dessa mão suja do império que é a posição de Israel e a sua eterna conjugalidade com os Republicanos (mas também os Democratas) dos Estados Unidos e a indústria de armamento. O trabalho recente da Jasbir Puar sobre o tema do direito de aleijar (*The right to Maim*, apresentado em conferência no 3ª Desfazendo o gênero em Campina Grande, PB).

Para além da Judith Butler, que na edição da *Orfeu Negro* (de Portugal) de *Problemas de Gênero*, tive o prazer de escrever o prefácio. Interpela-me profundamente o pensamento de Donna Haraway e de Gayatri Chakravorty Spivak, Angela Davis foi e será sempre uma pensadora vital para mim e sou profundamente interessado pela teoria queer e teoria trans. Em geral, tudo na teoria feminista me estimula tirando os trabalhos de um certo feminismo liberal podre eurocêntrico, comum na Europa e no mundo anglo que acho abominável. Bem branquinho, bem racista. Bem, vamos quebrar o teto de vidro. Eu prefiro que as mulheres que estão na base se movam, melhorem as suas vidas, como diz a Ângela Davis, porque aí toda uma sociedade se move. E não me interessa muito se a pessoa X ou Y chegou à presidência. Estimula-me mais pensar uma mudança nessas bases do feminismo e do mundo. A mim não me interessam os feminismos da Casa Grande.

Li uma entrevista da Virginie Despentes que em que declara a sua interpelação pelo feminismo das putas, das lésbicas e das feias. A mim também me interpelam, para além de outros. Acho inspiradora. Sou completamente favorável à regulamentação do trabalho sexual e denuncio a putofobia do movimento abolicionista da prostituição. Não acho que o modelo nórdico de proibir o cliente seja útil, acho de uma enorme hipocrisia. Denuncie-se e

criminalize-se toda a forma de violência e de tráfico. Ser puta não é crime, puta tem que ter direitos, carteira de trabalho, aposentadoria. Modelo neo-zelandês em que a pedido das profissionais se regulamentou o trabalho. Saúdo o movimento pela sindicalização do trabalho sexual, porque acredito que ser trabalhadorx do sexo é um trabalho especialmente segregado pela sociedade pequeno burguesa que depois usa os seus serviços.

Maria dos Remédios: Você lançou no Brasil, em 2017, um livro potente que faz referências as suas pesquisas quando esteve na Universidade Federal da Bahia como professor visitante. Nele, você traz perspectivas interessantes de leituras, como feminismo negro, Lésbicas *Queer* e transfeminismo. Conte um pouco da feitura desses estudos e de seus encontros para fomentar essa produção?

João Manuel: Esse livro é uma viagem pelos feminismos contada por uma pessoa que não acredita que o feminismo é necessariamente branco ou hetero ou cis ou burguês. Busco outras narrativas. Eu acho que sintetiza um pouco um espaço conceitual que eu chamo de hifenizado, marcado pelo hífen, em que vários saberes convergem para criar alternativas políticas outras, de grandes coligações de movimentos sociais e das esquerdas radicais. É o meu espaço político, a esquerda radical, porque quer ir à raiz. E a raiz não é uma raiz, é rizoma. Um ciscapitalismo colonizador, um heteroracismo misógino, várias permutas e combinações possíveis. É um espaço de possibilidades de pensar que articulações fazem estremecer este sistema insustentável e ecologicamente perigoso para a nossa permanência no planeta. Então, o livro traça múltiplas viagens por feminismos críticos e desobedientes. Eu nunca sei bem como cheguei, fui viajando e cheguei. Interessa-me a viagem.

Maria dos Remédios: No curso “Desobedecer ao gênero: Teratologia *Queer*, feminismos excêntricos e arte contemporânea”, realizado na UFPA, com parceria do Instituto de Educação Matemática e Científica e do Instituto de Ciências da Arte, você falou bastante da dança, do teatro e do cinema. Temas que me interessam também por entender que são componentes fundamentais para a formação humana, no que diz respeito ao pensar, ao existir, ao criar modos de vida, sobretudo, a arte cria blocos de sensações que nos fazem olhar a vida a partir de uma outra lógica, quem sabe, como sugere Deleuze, uma lógica das sensações, dos perceptos e dos afectos, além de suas vertentes políticas e estéticas. Você trabalhou com performance e dança, se interessa por essas questões esta última é um atrativo fundamental para o seu trabalho, o que a dança pode dizer sobre gênero?

João Manuel: A dança é uma teoria é uma prática de gênero. Veja o ballet clássico e as inúmeras estratégias de docilizar o corpo, sobretudo da bailarina, que tem que ser magra, sem pelos, sem mamas, sem rabo, sem ancas. Senão não pode ser bailarina de clássico. A crítica da dança ao clássico é também uma crítica de gênero, mulheres e bichas contestaram aquele corpo que se movia num sentido ascendente, que almejava verticalizar. E começam a usar o chão, a usar a improvisação, constroem outros corpos possíveis. A dança contemporânea como conjunto de linguagens múltiplas recorre ao gênero como forma de resignificação. Já analisei o caso do solo *Nossa Senhora das Flores* de Francisco Camacho, como um ponto importante de inscrição de um pensamento sobre gênero na cultura portuguesa. Então a dança tem tudo a ver com gênero e com as questões que dizem respeito ao nosso corpo, como raça, sexualidade e desejo, diversidade funcional. Fascina-me, aprendi

muito sobre gênero com bailarinxs e coreografxs. E com um performer com quem trabalho até hoje, Miguel Bonneville, que me ensina coisas a cada dia.

Maria dos Remédios: Deleuze toma de Espinosa a pergunta “O que pode um corpo?” Aparentemente simples, essa pergunta é disparadora para pensar alguns aspectos do corpo e suas potências na sua filosofia. Aos meus ouvidos ela é uma indagação grandiosa e perturbadora...O que essa pergunta espinosiana pode interpelar você a respeito do corpo, do gênero e da sexualidade?

João Manuel: Essa é a pergunta! Dos estudos de gênero, da sexualidade, o que pode um corpo e o que pode um corpo se o deixarmos poder. O corpo é potência, mas também é espaço para a constrição. Então, interessa aos estudos de gênero esse vai-vem, esse jogo de sombra e luz, do que o corpo pode fazer. E Espinosa é o filósofo da alegria, da multidão que vem para rua e que muda efetivamente o mundo. É uma filosofia de deixar-se afetar. Tenho um texto que ousei escrever sobre Espinosa, que me aterroriza por ter com ele uma profunda afetação, publicado no livro *Dissidências sexuais e de gênero* do Leandro Colling. O título do texto é: Trânsitos de Gênero: leituras queer/trans* da potência do rizoma gênero. Esse título ilustra uma ideia de gênero não fixa, queer nesse sentido e trans no sentido de transfiguração. Orquídea que devem vespa, vespa já orquídea no sentido deleuziano. Esse texto de Deleuze traz também uma concepção do corpo como prática e não como ideal regulatório apenas. Não sou um deleuziano, mas sou muito afetado por estas ideias. Mas uma vez, andamos com *cum panis*, aqueles com que se partilha o pão e o mundo. Essa é para mim, uma ética de existir, cum panis, por vezes estranhos,

como cães ou objetos. Outras vezes, também uma ética de não escolher com quem partilhamos o espaço, como mostra Hannah Arendt e Butler no seu último livro, *Notes towards a performative theory of assemblies*. *Rizomas*, pois sim.

Maria dos Remédios: Você afirmaria que existe um cinema *queer*?

João Manuel: Um dos meus realizadores preferidos, Apichatpong Weerasethakul, apresenta em obras como *Tropical Maladie* ou o *Tio Boonme que se lembrava das suas vidas passadas*, uma interrogação vital sobre espaços de fluidez no cinema e que não se esgotam na sexualidade, apesar de não a obliterarem. O próprio filme fui. Uma concepção do espaço filmico como um ainda não, um queer que virá, como diz José Esteban Muñoz em *Cruising Utopia*. Essa temporalidade interessa-me muito em termos queer. Então não é tanto definir se existe ou não (isso faz pensar no célebre ensaio de B. Ruby Rich, *New Queer Cinema*), é antes perceber alguns traços de Queer ou de ideias associados ao Queer em filmes, mas também deixar os filmes construírem o seu próprio espaço conceitual. Interessa-me muito mais isso, do que definir este filme é Queer, este não é. Esse é um trabalho que deixo às almas identitaristas.

Maria dos Remédios: Assim como você, tenho um imenso interesse pela literatura, em especial a obra literária de Clarice Lispector. Clarice me instiga pelos seus fluxos cambiantes, por seus personagens com subjetividade sem fundo, um eterno colocar em questão o “eu” como um centro do conhecimento. Sua relação com o não linear, com os fragmentos, com uma vida sem leme, sem solo fixo... Além disso, passa pela obra de Clarice uma preocupação com a deteriorização do humano. Em sua obra *A*

hora da estrela, Macabéa é uma mulher lançada pelo descaso da desigualdade social, há também o *Mineirinho* que não pode ser deixado de lado. Existem tantas entradas, tantas leituras dos escritos de Clarice, não é mesmo? Em que a leitura ficcional de Clarice lhe ajuda para pensar seus estudos? Ou como a arte literária é usada como intercessora para suas reflexões variadas?

João Manuel: Clarice abriu-me o mundo, atirou-me a um abismo e lá dentro percebi que o abismo era eu. Como o *Mineirinho*:

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Esta mesmidade é o que de mais brutal Clarice nos apresenta. O outro sermos nós. O efeito de ipseidade que é aqui produzido é brutal pela questão tão falada das identidades. Eu sou profundamente contra a ideia de que por eu ser mulher vou ser irmã das mulheres- olha a Thatcher, olha a Theresa May, olha as fascistas de partidos de extrema direita, mulheres, para adoçar a mensagem do partido. A identidade pode dizer da nossa história mas nós não somos só ela. A Macabéa é o exemplo cabal de uma certa necropolítica da omissão. Ela, a mulher da dieta de cachorro quente, tão desterrada, tão perdida já, é morte na omissão de existir. Mortos no mediterrâneo a tentarem entrar na fortaleza Europa. Mais. Esse sem fundo é a subjetividade na sua mais forte expressão. Um

mistério, somos um mistério para nós mesmos. Clarice é um dos meus mistérios até hoje.

Maria dos Remédios: Temos um projeto neoliberal de fomentação do empobrecimento crítico. Toda a reforma educacional pela qual passa o Brasil na atualidade vem para atender essa demanda... O pensamento que está em funcionamento é configurado pelos clichês, pelas palavras prontas, sem mediação e imediação. O emprego de rótulos, as pessoas são carimbadas e etiquetadas de todas as formas. Há um clima cultural pavoroso no Brasil que reforça as generalidades, as dicotomias, e que tende a dividir as pessoas entre os bons e os maus. Um cheiro de fundamentalismo perpassa pelas instituições, um ódio evidente por tudo que é diferente. Há a formação de um processo de dessensibilização generalizado, as mídias, as tecnologias, estão contribuindo muito para isso. Práticas preconceituosas estão cada vez mais presentes, a banalidade do mal se estende nas ruas, em casa, nas instituições, bem como pelos meios de comunicação. A indústria cultural se fortalece e fabrica em segundos corpos dóceis e manejáveis. Cada vez mais permanece como um programa a danificação do pensamento, mas há o surgimento paradoxal de uma liberdade, mas que efetivamente é controlada e vigiada. Diante desse cenário, você pensa que ainda é possível fazer poesia? É possível acreditar na educação como provedora do espírito crítico? É possível pensar práticas de tolerância para com o que difere? É possível resistir? Acreditar em um possível?

João Manuel: A sua pergunta é muito instigante como sempre você é comigo. Muito obrigado! Essa denúncia que faz dos efeitos do neoliberalismo compartilho completamente e infelizmente

tenho que dizer é global. Vou responder de modo meio fugidio: só é possível fazer poesia. É nestes momentos que precisamos retomar a tradição da Universidade como espaço de fomento crítico, de resistência e de luta. Ela também tem esse carisma, pensemos, por exemplo, nas ocupações, nas relações de entreajuda professoras e alunas, usando aqui o feminino universal, nas cumplicidades entre grupos que se geram nalgumas lutas. A democracia é, como diz Chantal Mouffe, da ordem do agonismo, do conflito. Como diz um amigo meu, Pablo Pérez Navarro, da filosofia do gênero, a guerra ainda mal começou. Cito muita gente, mas eu vivo com muitas. Como a minha amiga Lynne Segal diz, uma feminista muito próxima do meu coração, precisamos de uma felicidade radical pela nossa politização e engajamento para aturarmos isto tudo. E mudarmos tudo. É esse o ponto.

Lembro da minha amiga e colega Juracy Toneli, ávida e excelente leitora de Foucault e de Butler me falar um dia dos prazeres difíceis de Espinosa e eu ficar completamente encantado só com a ideia e ir a seguir ler para ver onde estava uma ideia tão bela. Pessoas que nos trazem coisas. É um enorme privilégio. Acabei escrevendo timidamente sobre Espinosa, mas de forma apaixonada, porque um dia a Juracy me disse... Há aquele filme da Chantal Ackerman sobre a Pina Bausch – *Un jour Pina m'a demandé*. Eu tenho isso com xs meus/minhas parceirxs e cúmplices. Demandam-me coisas. Não me interessa a academia do quero ser o melhor, quero ser eu, do produtivismo de mais mediocridade intelectual, gastar papel para produzir mais lixo, dos textos ao quilo, interessa-me a academia de redes, de rizomas de pessoas, práticas, objetos, não

humanos, capazes de pensar dialogicamente: precisamos de pensar mundos, dar origem a mundos. Como diz a Donna Haraway, nada do que acontece neste momento que é importante para uma mudança efetiva tem como premissas o individualismo metodológico e o excepcionalismo humano. Concordo, como em quase tudo, com ela. Não precisamos mais de Eichmann, os Eichmann são demasiado perigosos, obedecem a regras até nos exterminarem todxs. Ai temos essa banalidade do mal, demasiado obedientes, demasiado coniventes com o sistema podre em que vivemos. A eterna maldição da norma.

Maria dos Remédios: É sabido que a heteronormatividade está instalada nos currículos escolares. Há um regime de controle e vigilância dos corpos, da sexualidade e do gênero. No Brasil, nos últimos anos e a escola, a educação estão sendo tomadas como o centro de disputas políticas sobre o debate de gênero e de sexualidade. Você pensa que a escola, o espaço da sala de aula, deve ser lugar legítimo para se discutir gênero e sexualidade? É importante assegurar políticas educacionais para os direitos humanos que passe pelo reconhecimento das diferenças? A homofobia, o sexismo, a misoginia, são problemas para a educação e para a escola?

João Manuel: A heteronorma e as normas de gênero são um campo de disputa importante no contemporâneo. Grupos conservadores e fundamentalistas religiosos sempre recorrem a esse ventriloquismo social recorrendo à figura fantasmática do interesse da criança, que mais não é, infelizmente, que os interesses

deses grupos em manterem uma ordem social que já acabou. Já acabou graças aos feminismos, aos movimentos negro e LGBT, às profundas alterações demográficas que acontecerem, à desagregação desse edifício normativo que é a Família (A família nuclear é radioativa como dizem no Orgullo Crítico em Madrid) substituída pela multiplicidade de famílias e constelações familiares, o princípio da contestação da ordem monogâmica e o aparecimento de outros arranjos relacionais como o poliamor e as não monogâmias. Então, esses conservadores lutam por um regresso a um mundo que já acabou e ficarão ainda perturbando por um tempo e nalguns países mais acirrados do que noutros, com dinheiros do Norte Global para infestar o Sul Global com esses grupos. Claro que em contextos neoliberais, com desagregação e desgaste do emprego e das relações laborais, esses grupos oferecem alguns cuidados e alguns serviços que um Estado mínimo e desgastado não pode oferecer, vampirizado por este Mercado que sonha desregular-se, mas quer o nosso dinheiro para o fazer. Mão invisível, mas paga por nós e nas nossas costas a manobrar-nos como os fantoches da Tuiuti. Em troca de uma agenda conservadora, como podemos ver bem patente na vergonhosa situação e proliferação do aborto clandestino, por a lei não permitir que os hospitais públicos respeitem os direitos sexuais e reprodutivos das pessoas.

Maria dos Remédios: Terminei esse diálogo, agradecendo imensamente sua disposição, sua amizade, seu respeito, com um desejo imenso de sempre ter mais encontros. Além disso, fico com uma imagem da nossa incidência na ilha do Combu, conversando e olhando o rio que se prevalecia como ponte, como travessia, como rua, como borda, como passagem. Entre várias digressões, naquele

dia, você calmamente dizia para mim: “eu tenho grande admiração por essas aves”. São lindas! Sou completamente inclinado aos urubus. Essa espécie, pertence ao grupo dos abutres, com seus voos planos, possuem visão e olfato apurados, são localizadores de carcaças, carniças, frutas em decomposição, todas essas coisas que parecem bem nojentas para muita gente, essas aves ajudam por demasia o ecossistema. Em áreas habitadas pelos humanos, frequentam os lixos, os restos em decomposição... São muito importantes para o meio. Eu acho essas aves maravilhosas...” Eu fiquei pensando nessas palavras de modo profundo, e comecei a olhar os urubus que estavam ali, quase ao nosso lado, e por um instante silencioso, entendi que os urubus nos ensinam ... Sim, essa imagem vai perdurar em minha memória. É preciso saber olhar o mundo, que o nosso olho seja atento, sensível, transversal, para se compreender a multiplicidade sem preconceitos ... Ah! eu também passei a gostar dos urubus...Obrigada, João!

Maria dos Remédios de Brito é graduada em Pedagogia e em Filosofia pela UFPA; mestre e doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo; pós-doutorado em Filosofia da Educação pela Unicamp. É professora da UFPA, onde atua na graduação e na pós-graduação no Instituto de Educação Matemática e Científica. Professora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA. Participa da Sociedade Brasileira de Filosofia da Educação (SOFIE). E-mail: mrdbrito@hotmail.com

João Manuel de Oliveira é professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina. Trabalha sobre estudos de gênero, estudos críticos da sexualidade e teoria feminista, assente num entendimento performativo do gênero, dentro de uma epistemologia feminista pós-estruturalista. Suas publicações recentes tratam de interseccionalidade e hífenização, homo/heteronormatividade, conhecimentos des/subjugados e genealogias excêntricas, teorias feministas anti-racistas e anti-essencialistas, teoria queer, estudos trans*, arte e dança contemporânea, as relações intrincadas entre conhecimentos, corpos, políticas e poder no quadro das economias políticas neoliberais. E-mail: joão.oliveira@isct.pt